

**Publica:** Associação Antigos Alunos La Salle  
Rua Irmãos de La Salle 859,  
4755-054 - Barcelos  
**Telf.:** (+351) 253 831 49  
geral@aaalasalle.org.pt  
**Coordenação geral:** Carlos Borrego  
**Grafismo e paginação:** Pedro Falcão  
[www.facebook.com/antigosalunos.lasalle](http://www.facebook.com/antigosalunos.lasalle)  
**01 de Agosto 2020**  
Boletim nº 9

# o boletim

Associação Antigos Alunos La Salle



## AFRICA MINHA

África Minha- O coração de esperança  
Covid: Da crise pandémica para novos paradigmas  
Homenagem aos AA médicos pelo combate pela vida  
Coesão lassalista salva o Colégio La Salle de Barcelos  
Empresários do mundo lassalista - Joaquim Grave - José Paulo Baptista  
Ennio Morricone -AA de La Salle - A criatividade

## Por José Carlos Ferreira, Presidente da Direcção da Associação de Antigos Alunos de La Salle



### COVID - COmo Vamos Interagir Doravante?

Este murro no estômago, este silêncio ensurdecedor, este olhar de espanto, esta sensação de insignificância, este deserto feito de cidades e aldeias, esta impotência de lidar com o desconhecido, este deambular pelas casas que antes eram de vida e que estão agora transformadas em abrigo (?), esta vontade de não estar e só voltar depois, este olhar o futuro com o vazio do presente...

Sim, este tempo, fez de cada um de nós atores de um teatro de sombras sem guião nem ponto a orientar. Vagueamos pelos corredores da incerteza e só o medo e a angústia nos iluminam o caminho no círculo do confinamento. Foi(é) duro. Atingimos os nossos limites e continuamos confinados e desconfiados, inseguros e sempre na expectativa de que amanhã será melhor... podendo não o ser. Toda a nossa vida ficou e está suspensa.

Reaprender os novos tempos e construir novos caminhos é o desafio que se impõe e vamos conseguir.

O nosso Boletim não podia passar ao lado desta nova realidade e por isso felicita os Alunos de La Salle que trabalham na área da saúde e que estiveram e estão na primeira linha de combate a esta pandemia. Destes, alguns quiseram deixar-nos o seu testemunho como poderão verificar nas páginas interiores. A uns e a outros, a todos, o nosso bem hajam!

Seguimos para África pois continua a ser um campo de trabalho onde os Irmãos dão vida às sementes de La Salle, enquanto que por cá o Colégio La Salle, em Barcelos, continua como sendo a única fortaleza que resiste às intempéries dos tempos. Do seu Projeto Educativo, da sua Nova Vida nos fala o seu Diretor, Ir. Óscar Leronés.

Também continuamos a apresentar o percurso de AA que na vida empresarial, profissional ou académica são testemunho de valores humanos e lassalistas. Lembramos o grande Compositor e Maestro Ennio Morricone que, também ele, foi Aluno de La

Salle... em Roma.

Salienta-se a continuidade das Bolsas de Estudo para Alunos do Colégio La Salle com menos recursos e lembramos a necessidade, agora mais do que nunca, de mantermos as quotas em dia.

Importa ainda referir que o Sr. Presidente da Assembleia Geral da Associação, depois de consultar o Conselho Fiscal e a ouvida a Direção adiou, sine die, a Assembleia Geral Ordinária agendada para o passado mês de Maio. Nestas circunstâncias, e porque se tratava também de uma Assembleia Eletiva, os atuais órgãos sociais continuam em gestão corrente.

Um Abraço cheio de vida e vontade de voltar.

### Bolsa de Estudante:

"A coesão lassalista salva Colégio La Salle de Barcelos", escreve-se na entrevista do Irmão Director de La Salle (ler páginas seguintes). E os AA têm vindo a colaborar numa Bolsa de Estudante a favor de um aluno carenciado que frequente o Colégio. Vamos continuar: Valor anual : a partir de 20euros. IBAN: PT50 0035 2008 0003 8990 8308 0 (conta associada ao Colégio). Observação: Ao remeter o montante financeiro enviar mail a confirmar, para poder receber em troca os agradecimentos e o respectivo recibo. Email: «direccao@lasalle.pt».

### Pagamento de Quotas:

Agradecemos aos associados a liquidação da quota anual de 12 euros para : IBAN: PT50 0046 0122 0060 0338 0441 2. Observações: 1ª- Só com email a informar da transferência bancária se poderá remeter recibo e agradecimentos. Email: «geral@aaalasalle.org.pt». 2ª- Lembramos que muitos AA liquidavam essas quotas nos encontros anuais. Este ano não foi possível realizar esses encontros, pelo que o saldo da contabilidade é insuficiente para suportar despesas. Agradecimentos.



## ÁFRICA MINHA

### Amar África - A marca La Salle - África merece o progresso

Por Carlos Borrego



#### I-África Minha.

É o título em português do filme “ Out of África” do realizador Sidney Pollack. E colou-se à nossa pele. E cada vez que referimos coisas e causas de África usamos essa expressão. Com amor.

Olhar e invocar África Minha, desde fora da terra e do tempo, desperta-nos de imediato um natural sentimento de atracção. Pela sua história, pela geografia, pelos mistérios, lendas e medos. Pelas descobertas das suas costas marítimas e dos territórios continentais. Pelo sangue derramado, pelo sofrimento e dor das suas gentes. Pela beleza primordial . Pela sacralidade da vida quotidiana.

#### A África mediterrânica, berço de culturas e de acolhimentos.

Num brevíssimo apontamento histórico, e recuando no tempo e situados a norte do continente africano encontramos grandes padrões civilizacionais, que engrandecem a África Minha:

-A civilização egípcia deixa-nos arrasados pela monumentalidade e transcendência escatológica dos seus monumentos e tesouros. O mais além.

-A cultura grega e helenística (viver como os gregos), reacendeu-se em Alexandria pelos séculos III aC. e assim permaneceu durante séculos. E a “Biblioteca de Alexandria”, o “Farol de Alexandria” são

marcos de sempre e para sempre.

-A grande Cartago, na actual Tunísia, rivalizou a com a Roma Imperial no século II (aC).

-A cidade de Hipona ( actual Annaba, na Argélia) foi a pátria do grande Santo Agostinho-

-Também foi o norte de África que acolheu a família de Jacob em dificuldades e recebeu nos seus braços a família de Nazaré : José, Maria e Jesus.

#### A África subsariana: Do desconhecido à descoberta. Da paz originária à dor. Em demanda da estabilidade.

A história de África mais para sul teve outros contextos. O Desconhecido.

-A descoberta da sua costa pelos portugueses no sec. XV foi o grande salto.

-Os séculos XVII e XVIII e até ao abolicionismo dos princípios do séc. XIX constituíram uma página negra da humanidade: o comércio de escravos.

-Já nas décadas dos anos 50 e 60 do século XX surgem as independências, logo transformadas em ditaduras oligárquicas, com os seus cortejos de derrocadas, de mortes, de assassinios, de genocídios e sequente êxodo massivo das populações rurais acentuado ainda pelas alterações climáticas.

-No século XXI , a crescente pressão de organismos internacionais faz com que alguns dirigentes se tornem mais permeáveis à assunção de compromissos políticos favoráveis a reformas sociais e a uma

progressiva estabilidade.

### **Mas há outras glórias em África:**

Os grandes lagos, as grandes savanas e seus parques, os grandes rios de nascentes tropicais, as belezas primárias.

O Nilo (O Nilo Azul, o Nilo Branco), é o rio mais comprido do Mundo, e percorre 6.650 kms desde o lago Vitória até ao Delta mediterrânico. É uma bênção para os dez países da sua bacia hidrográfica. E a cidade do Cairo, os tesouros arqueológicos das suas margens e as cataratas são referências incontornáveis da humanidade.

O rio Congo é o “ rio que engole todos os rios”. Foi a causa do espanto do navegador Diogo Cão poder beber água doce em alto mar e a grande distância da sua foz, por força de a sua corrente de água entrar pelo mar dentro. É um rio profundo e ainda hoje é a melhor auto-estrada de penetração. Permitiu àquele navegador subir o seu leito e encontrar o Reino do Congo e estabelecer com ele uma relação de um século com a corte portuguesa, reino esse que perduraria até ao séc XVII com a “ Rainha Ginga” ( tema do livro do angolano Eduardo Águas Lusa com o mesmo título). A par da Amazónia, a sua bacia é um dos dois pulmões do mundo . Um Rio de Sangue, no título do famoso bestseller de Tim Butcher, correspondente do Daily Telegraph, tais as guerras e os horrores a que serviu de cenário.

O rio Zambeze. Nasce no Lago Tanganica, passa por Angola e verte as águas das nascentes tropicais no Índico moçambicano. O seu leito forma as cataratas de Vitória, as maiores do mundo. E a energia hidro-eléctrica de Cahora Bassa é fonte de progresso para os países envolventes.

As extensas savanas dos parques nacionais, como

o P. N. do Kruger (Á. do Sul), ou o P. N. do Serengeti (na Tanzânia) e sua continuação natural pelo P.N. de Masai Mara ( pátria da tribo Massai, já no Quênia) transcendem a nossa humanidade. As famosas migrações de gnus, de zebras e de gazelas entre estes dois parques são consideradas Património Mundial da Humanidade pela UNESCO.

E as neves perpétuas da geografia tropical do Kilimanjaro, o ponto mais alto de África, elevam aos céus a grandeza africana.

## **II-A Marca La Salle em África.**

### **Porquê falar de La Salle em África ?**

Perante uma Europa cansada, perante a vontade de os estados europeus assumirem a educação como um obrigação sim, mas reservada ao poder público, perante a laicização das comunidades e cidadãos , perante a escassez factual de candidatos à vida religiosa ou espiritual, surge o dilema/necessidade de procurar alternativas.

Por outro lado, parece que um valor supremo, um valor maior, será capaz de atrair jovens e adultos a um sacrifício maior, a uma dádiva maior. Pode ser a missão, pode ser um valor social (os famintos, os pobres, os perseguidos , os refugiados ou outras grandes causas).

Ora a missão em África parece ter sido a chave de algum sucesso de algumas congregações religiosas sediadas em Portugal, e da fidelização dos seus membros.

Pelas razões apontadas na problemática anterior não se duvida que a Europa possa precisar de uma educação que não esqueça os valores da transcendência. E a educação cristã e humanista das elites



liderantes não pode ser descurada. Mas...

### Surge África - O coração de reserva:

Na convicção de que na missão em África se poderia encontrar um “valor maior” para compromissos vocacionais e humanos e no seguimento da problemática anunciada, o Boletim dos AA de La Salle tem vindo a trazer ao de cima a presença lassalista em África: Na Beira (Moçambique), no Sudão do Sul, na Costa de Marfim, no Egipto e Médio Oriente.

Eis a razão deste artigo : ver África como “um coração de reserva”, conforme diz o sábio Aimé Césaire, citado pela revista Além-Mar, no seu número 703, de Junho do ano 2020.

### O Mundo Lassalista:

#### Quadro Geral

- Estatísticas gerais do ano 2020 - Publicação da Congregação.

Países : 80

Educadores/Colaboradores: 55.00

Comunidades Educativas: 10.083

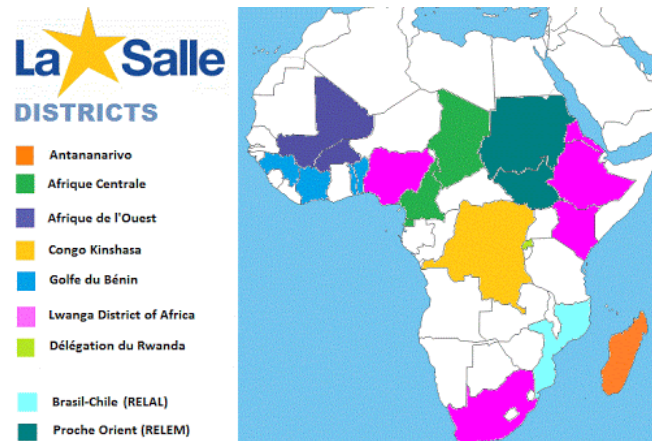
Irmãos: 4.000

Comunidades: 1.700

Alunos: 1.890.000

Antigos Alunos: 10.000.000

A distribuição organizativa da Congregação dos Irmãos de La Salle pelo mundo comporta 5 regiões: -Ásia e Pacífico (PARC) -África (RELAF)-América Latina (RELAL)-América do Norte(RELAN)-Europa e Bacia Mediterrânica (RELEM). Cada região é coordenada por um Conselheiro, que conjuntamente com outros Conselheiros de áreas temáticas, constituem a cúpula geral directiva da Congregação, presidida pelo Irmão Superior Geral. De 7 em 7 anos há uma capitulação geral, em Roma, na Casa Generalícia, que define estratégias e elege os membros dos órgãos directivos. Também pelas 5 regiões há capitulos regionais (conferências regionais) para reflexão sobre planificações estratégicas e indigitação dos Conselheiros Regionais.



### A Região Lassalista de África-RELAF Presença em 20 países:

Na Região Lassalista de África (RELAF), os Irmãos estão presentes em 20 países:

África do Sul, Benim, Burkina Faso, Camarões, Chade, Congo Kinshasa, Egipto, Etiópia, Eritreia, Guiné Conacri, Guiné equatorial, Quênia, Madagáscar, Moçambique, Níger, Nigéria, Ruanda, Sudão, Sudão do Sul e Togo.

Conforme observamos no mapa de África as comunidades nacionais estão agrupadas em 7 distritos ou províncias, cada uma delas dirigidas por um Irmão Provincial/Visitador.

Repare-se que a actuação em Moçambique é coordenada e apoiada pela província lassalista de Brasil/Chile, e que as comunidades do norte de África, Egipto, Sudão e Sudão do Sul estão agrupadas na Região da Europa e Mediterrâneo.

### Organização formativa dos candidatos a Irmãos de La Salle:

Há estruturas formativas comuns a diversas províncias lassalistas:

#### Três noviciados:

-Noviciado Interafricano de Nairóbi (no Quênia)-Noviciado Internacional de Língua Francesa em Bobo Dioulasso (em Burkina Faso) e Noviciado da Eritreia em Asmara.

#### Dois Escolasticados( para formação humana e científica).

-Escolasticado Internacional de Língua Inglesa em Nairóbi. Tem protocolos com universidades americanas para apoios e certificações.

-Escolasticado Internacional de Língua Francesa em Abidjan( Costa de Marfim)-Faz parte da estrutura da universidade do Centre Lassalien Africain-CELAF-

também interligado com a Universidade Católica da África Ocidental.

### **Cinco Universidades Lassalistas: Ciência-Tecnologia-Humanismo.**

Os Irmãos de La Salle, empreendendo uma estratégia de participação no desenvolvimento das potencialidades africanas fundaram e dirigem cinco universidades. Estes centros de excelência visam a profissionalização de nível superior das gerações africanas e dotá-las de conhecimentos e de práticas científicas, e criar habitats que proporcionem a investigação e inovação. A formação de lideranças bem formadas no saber científico, tecnológico e de humanismo lassalista será um factor de progresso geral. É a missão de La Salle. O conjunto destas universidades apoiam-se mutuamente em todas as esferas funcionais e logísticas, prestando escala superior à universidade pan-africana.

Os títulos académicos incidem muito preferencialmente as formações tecnológicas e científicas, a par das Ciências Humanas, sobretudo ligadas à educação.

Estas universidades servem todas as povoações, independentemente dos credos, do género, raça, da nacionalidade ou da orientação sexual.

A base de recrutamentos dos seus alunos é aberta. Mas boa parte dos estudantes são oriundos das escolas secundárias lassalistas. E os melhores alunos destas escolas serão encaminhados e apoiados no seu ingresso nas universidades, satisfazendo as bolsas universitárias angariadas para apoiar jovens talentos oriundos de classes mais desfavorecidas ou rurais.

Preocupação constante é a inscrição nas universidades de estudantes do sexo feminino. As suas dificuldades financeiras aliadas aos preconceitos de género dificultam imenso a sua inserção universitária. Os Irmãos reconhecem o problema e, por meio de bolsas patrocinadas pela comunidade internacional, ou por particulares ou pelo Estado esperam contornar a situação. A recente Universidade La Salle University of Africa (LUA, instaurada em Burkina Faso) espera alcançar uma população de 50% de raparigas a frequentar as suas faculdades.

Lista das universidades:

-La Salle University of África – LUA, com sede em Ouagadougou, em Burkina Faso.

-Centre Lassalien Africain –CELAF, com sede em Abidjan, na Costa de Marfim.

-École Supérieure Technique – Douala, Camarões.

-Ethiopian Catholic University- Adis Abeba, na Etiópia.

-Christ the Teacher Institute for Education, Nairobi, no Kénia.

Mas a Marca La Salle expande-se maioritariamente por centros educativos de nível básico e secundário. Temos vindo a realçar esse envolvimento em diversos países. Continuaremos.

### **III-Conclusão: África Minha é o coração de esperança.**

África tem direito ao desenvolvimento. E merece-o. Precisa do apoio dos próprios africanos, dos europeus e dos portugueses.

#### **Como ajudar ? - Através dos seguintes organismos:**

- A ONG lassalista "SOPRO" de Barcelos promove o voluntariado e recolhe fundos: Travessa de Santo António ,236-054 Barcelinhos-Barcelos.

-www.sopro.org.pt -geral@sopro.org.pt

- Telefones: +351 253 837 259 ou: +351 965 659 916

-IBAN: PT50 0036 0096 9910009518945

-De La Salle –Solidarietà Internazionale-ONLUS : Via Aurélia 476,00165 Roma, Itália.

Tel.+39 06 66 52 31 – www.lasallefoudation.org – foundation@la.salle.org



# Dr. Joaquim Manuel de Vasconcellos e Sá Grave

## Antigo aluno do Colégio La Salle

Por Albino Ramalho



Aluno do Colégio La Salle de 1963-65, Joaquim Grave, possui um vasto currículo académico e profissional desde a investigação, a intervenção cultural, o serviço público e empresarial. Na Herdade da Galeana, no concelho de Mourão, sede da prestigiada ganadaria Murteira Grave de que é proprietário, diariamente transforma em realidade a paixão pelo toiro e a arte da tauromaquia. O Boletim da Associação de Antigos Alunos de La Salle muito lhe agradece a honra desta entrevista.

***Prefiro guardar as boas recordações, o que não tem qualidade, apago.***

**Boletim.** Foi curta a sua experiência como aluno do La Salle de Abrantes. Lembra-se de quando entrou para o Colégio? Que motivações terão levado os seus pais a optar por um colégio interno para a educação do seu filho.

**Joaquim Grave.** Lembro-me muito bem e recordo-o como um momento de grande expectativa, tensão e, porque não, algum receio por ir para uma situação desconhecida. Com 11 anos de idade não é fácil despegar-nos de todo o envolvimento familiar. O facto de o meu pai ter estado 7 anos interno num colégio interno de jesuítas, aliado a uma linha algo dura que defendia para a educação dos seus filhos, foram as razões de terem optado pelo La Salle de Abrantes

que tendo aberto há muito pouco tempo, estava um pouco na moda das famílias de Évora mandarem os filhos para lá.

**Bol.** Recordando esses tempos já distantes, que memórias lhe perduram ainda desse tempo de colégio? (Colegas, professores, métodos de ensino-aprendizagem). Ter-lhe-á sido útil a experiência para o seu percurso de vida?

**J.G.** É natural que as memórias não sejam todas boas. Dos colegas guardo muito boas recordações, muitos vinham como eu de Évora e, sendo mais velhos, acarinham-me sempre e ajudaram a integração. Dos professores guardo a ideia de grande heterogeneidade, uns fantásticos e amigos, outros nem por isso. Prefiro guardar as boas recordações, tenho feito isso toda a minha vida e, de facto, o que considero que não vale a pena, que não tem qualidade, apago. Como primeira experiência fora de casa, marcou-me bastante e aí, não duvido que me foi útil para o futuro, ajudou-me a crescer e a relacionar-me. Nisso, estou grato ao colégio La Salle.

**Bol.** Depois do colégio, outras instituições de ensino se lhe seguiram no seu prosseguimento de estudos. Achou algumas diferenças quanto às dinâmicas educativas do Colégio? Pode especificar?

**J.G.** Aceitando o “convite” que me fizeram para não me voltar a inscrever, a seguir o meu pai enviou-me para os jesuítas de Santo Tirso onde ele tinha estudado 7 anos. De uma forma geral eram mais duros e brutos e ainda nos batiam mais do que em Abrantes. Mas esclareço desde já que não fiquei traumatizado como os rapazes de agora ficam quando são contrariados... Nada disso, mas também é verdade que ninguém gosta que lhe cheguem a roupa ao pêlo. Os jesuítas tinham um método diferente no estudo e lembro-me que era eficiente. Tínhamos antes de cada aula, à volta de 45 minutos de estudo dessa mesma aula que íamos ter a seguir. Não posso deixar de dizer que aí foi quando tive algumas saudades do La Salle...

**Bol.** Doutorado em Produção Animal, investigador da Estação Zootécnica Nacional, consultor na Comissão Europeia sobre alimentação, conferencista, são alguns dos atributos que sobressaem do seu brilhante percurso académico e profissional. Quer



falar-nos um pouco do que foi a sua actividade e do contributo nela aportado ao desenvolvimento da ciência, da cultura e da sociedade?

**J.G.** O facto de ter entrado na Estação Zootécnica Nacional, instituição de investigação, praticamente após a licenciatura em medicina veterinária (estive apenas alguns meses antes, na Universidade de Évora como tarefeiro), formatou um pouco a minha carreira. Sempre gostei de estudar e na investigação essa realidade era ainda mais necessária. Numa época em que se confunde sabedoria com conhecimento e, mais grave ainda, conhecimento com informação, o tempo em que adquiri conhecimento e o pude relacionar ou interligar com bom senso e experiência ajudou-me a perceber e entranhar a minha cultura e disponibilizá-la à sociedade em que me insiro. O toiro bravo é arte, cultura e liberdade. A sua destruição é um massacre cultural e ecológico.

**Bol.** É conhecida a sua paixão pelos toiros e pela tauromaquia, sendo mesmo o proprietário e a alma da ganadaria Murteira Grave, uma das mais prestigiadas no mundo da Tauromaquia. Como defende uma arte, outrora tão arraigada e socialmente aceite, hoje tão criticada e combatida pelos autoproclamados defensores dos direitos dos animais?

**J.G.** Isso de defensores dos direitos dos animais não sei o que é, para mim não existe. Os animais não têm direitos, o que não implica que nós não tenhamos deveres para com eles. Só tem direitos quem tiver deveres e eles, naturalmente, não tem deveres. A arte do toureio, de bem tourear, é para paladares sensíveis, sim muito sensíveis. Considero a tauromaquia como uma das artes mais cultas que existe. “Contrariamente à linha recta que traça o caminho mais curto entre dois pontos, a poesia,

tal como as corridas de toiros, são uma curva”. A arte do toureio acrescenta ainda uma dimensão que nenhuma outra arte poderá alguma vez dar: a dimensão da realidade. Tudo está representado como no teatro e, no entanto, tudo é verdade como na vida. Orson Welles disse: “o toureiro é um actor ao qual lhe acontecem coisas de verdade!” Não é uma festa de perfeições, mas de emoções. E não esqueçamos que nós não somos seres racionais, somos seres emocionais que raciocinam o que é diferente. Mas reconhecida que está a sensibilidade actual da sociedade para com os animais, há que compatibilizar e harmonizar o modo de pensar contemporâneo com a Tauromaquia. E aqui temos um argumento de peso, uma razão vital. O futuro do toureio estará a salvo quando a nossa realidade ecológica imprescindível seja conhecida, compreendida, aceite e positivada pela sociedade portuguesa. As novas gerações internacionais sensibilizaram-se com um trabalho de sustentabilidade do planeta que a tauromaquia encerra e transporta dentro de si. Mas que se desconhece. Esta é a nossa arma secreta e por muito que nos surpreenda, ninguém a conhece. Hoje não nos reconhecem como ecologistas, mas sim como mal tratadores de animais. No caso do toiro bravo a aspiração ecologista de que todo o animal habite o espaço próprio que exige a sua natureza, cumpre-se sobradamente e podemos afirmar que o seu status é único no mundo, muito superior ao das reservas africanas de animais selvagens, uma vez que o ganadero de bravo complementa a sua alimentação em épocas de seca extrema e controla regularmente o seu estado sanitário em cumprimento das escrupulosas disposições europeias. A sua perigosidade converte-o em guardião dos



bosques, neutralizando a incursão de caçadores e recolectores furtivos, pirómanos e turistas urbanos, dando, no entanto, hospitalidade e segurança a bandos de aves migratórias e outras espécies silvestres muitas delas em perigo de extinção. Portanto, temos uma defesa de uma biodiversidade sempre actual e desejada. As ganadarias de bravo contribuem na luta contra a alteração climática porque os montados são sequestradores de CO<sub>2</sub> e fontes produtoras de oxigénio. A criação do toiro bravo supõe ainda uma barreira contra os incêndios porque a constante vigilância dos animais e as características de acesso às explorações dificultam a deflagração e expansão dos mesmos. E também evitam o furtivismo e limitam o acesso ao maior predador: o homem. O toiro bravo é uma força da natureza e sinónimo de liberdade. Não é um animal de companhia nem um peluche. É uma criatura impetuosa, forte e indómita que vive e morre segundo seu instinto natural. É sinónimo de liberdade, de horizontes e espaços abertos; natureza em estado puro. Além do paraíso em que vive, goza de privilégios que nenhum outro animal tem. O homem do campo vigia-o e cuida-o durante toda a sua existência. Ninguém ama mais o toiro bravo do que aquele que o viu nascer e o cuida. Cada toiro tem nome próprio e uma história familiar ao longo de gerações, não se trata de 500 ou 600 kg de carne para o matadouro. Não é quantidade, é qualidade, é história. A ganadaria brava e o mundo rural em geral sofrem actualmente uma agressão brutal baseada numa falsidade e manipulação ao serviço de interesses espúrios e ditatoriais. Para eles, este animal e o paraíso natural onde vive nada importa em realidade. Utilizam-no somente para outros fins porque não o conhecem nem o amam. A ganadaria brava não pode acabar num tú-



nel escuro de um matadouro, seria um final sórdido e humilhante, o sentido da sua vida é a lide que lhe dá uma dimensão heroica. O toiro bravo é arte e, portanto, também é cultura e é liberdade. A sua destruição é um massacre cultural e ecológico.

**Bol.** A Herdade da Galeana, sede da ganadaria Murteira Grave, constitui um dos melhores sonhos da sua vida à qual se vem dedicando apaixonadamente. Fale-nos das diversas facetas desse projecto e das perspectivas de futuro.

**J.G.** - Galeana é para mim uma palavra mágica. Hoje é mais que a terra onde me habituei a ver os toiros mais bonitos que alguma vez vi. Galeana, é também o nome de uma filha minha. Galeana tem música quando se diz, tem encanto quando se vê, tem força quando se pisa, tem aroma quando se respira, tem paz quando se medita e tem magia quando nela se vive. Em Galeana gosto de falar com os seus silêncios, gosto de ouvi-los, porque são eles que estimulam os diálogos que tenho comigo próprio e me ajudam a sobreviver nesta selva de contradições e violências em que se tornou a vida civilizada. A Primavera, que por norma é precoce, em Abril é exuberante de cores, cheiros e sons. O verde da erva misturado com o branco das margaças, dos saramagos e dos malmequeres, juntamente com o amarelo das grisandras e o roxo (morado) dos chupa-mel, rivalizam numa amostra fantástica de cores cobrindo o campo agora generoso para as reses bravas, O Verão é longo e duro e reveste a paisagem do castanho claro do pasto seco, que aos poucos se vai confundindo com o castanho da terra árida e sedenta das primeiras águas outonais que ainda tardam. As tardes estivais espreguiçam-se lentamente até às noites mornas e calmas, em que se ouvem os bramidos dos toiros, que parecem pressentir a luta de uma lide que já não tarda. A lua cheia de Verão,





Foto: A Herdade da Galeana

sobretudo a de Agosto, veste de prata as charcas que guardam o precioso e escasso líquido nessa época do ano. O Outono, como na vida, é tempo de balanço. É também tempo de esperança, do novo ano ganadero que começa. Renovam-se os sonhos, corrige-se um ou outro detalhe e roga-se aos céus que bendiga o campo com as primeiras chuvas criadoras de Setembro. Os contornos são mais definidos e os contrastes mais marcados. Uma luz limpa envolve a atmosfera, já mais fresca, numa tonalidade quase transparente onde sobressaem os castanhos e os verdes. É neste paraíso que desenvolvi o projecto de Taurismo (toiro + turismo = taurismo). Gosto muito de transmitir a paixão que sinto pelo toiro bravo e é gratificante verificar a alegria e prazer com que os visitantes saem de Galeana depois de um dia em cheio. Transmitir os valores da instituição, de conhecimento e sabedoria, à sociedade em geral e aos sócios em particular, é o dever da Associação

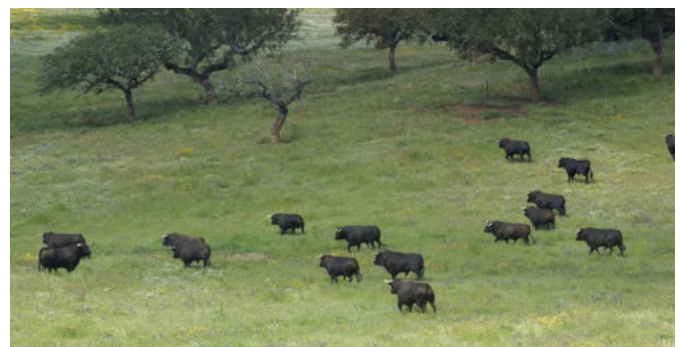
**Bol.** Visando esta entrevista a comunicação da Associação dos Antigos Alunos de La Salle de Portugal com os seus associados, qual, em seu entender, o papel do movimento associativo e desta associação em particular no momento actual?

**J.G.** – O papel do movimento associativo, em particular da Associação dos Antigos Alunos de La Salle não pode deixar de ser importante. Deve tentar transmitir os valores que captou de uma instituição de ensino, de conhecimento e sabedoria, à sociedade em geral e aos sócios antigos alunos em particular. Como movimento associativo deve sempre reforçar e sublinhar a ideia de que juntos somos mais fortes e que, como disse Einstein: sem «cultura ética» não há salvação para os homens. Não confundir Animalismo com Ecologia.

**Bol.** Que mensagem gostaria de endereçar aos as-

sociados e antigos alunos de La Salle?

**J.G.** – Focando-me no que é a paixão da minha vida, gostaria de deixar a mensagem aos associados antigos alunos e, importante, aos mais jovens também, que “a nova bondade com os animais não é mais que “ódio ao homem” consagração da estética do rancor. Escapa a qualquer conceito intelectual e a qualquer razão”. Existe uma contradição absoluta entre a defesa dos direitos dos animais e a defesa ecológica. Confunde-se “animalismo” com ecologia e, no entanto, um é o oposto do outro. Acontece que numerosos ecologistas “esquecem” os seus próprios valores para abraçar valores animalistas, que são completamente contrários. Não se pode ao mesmo tempo salvar a espécie “leopardo” e preocupar-se com o sofrimento das gazelas. Da mesma maneira que não se pode salvar a espécie “lobo” e preocupar-se com o sofrimento das ovelhas. Como também e em sentido contrário, não se podem alimentar os pombos por impulsos animalistas e, simultaneamente, preocupar-se com as suas nefastas pragas por razões ecologistas. O que conta é a espécie, não é o indivíduo. Se para salvaguardar a espécie, se têm que sacrificar alguns indivíduos, pois seja. Há que escolher: ecologia ou animalismo. O animalismo não é uma extensão dos valores humanistas. É a sua negação.



# Irmão ÓSCAR LERONES

## Director da Comunidade La Salle de Barcelos

Por Albino Ramalho

***A coesão lassalista vence a crise provocada pela perda do Contrato de Associação e da respectiva subvenção do Estado.***

Óscar Lerones Marcos, Irmão Óscar, como é tratado na Congregação Lassalista, é desde 2015 o director da Comunidade dos Irmãos de La Salle de Barcelos e, desde Março, por baixa médica da Prof.ª Carla Figueiredo, também director do Colégio La Salle, antes casa de formação dos candidatos a membros da instituição. Natural de Palência, o Irmão Óscar, além de professor de ensino básico em Espanha, é também licenciado em Línguas e Literaturas Modernas variante Francês /Espanhol pela Universidade de Valhadolid e Mestre em Estudos Religiosos pela Universidade Católica Portuguesa, pólo de Braga. O Boletim da AAALASALLE está-lhe grato por esta entrevista.

**Boletim.** Sendo Director da Comunidade dos Irmãos de la Salle de Barcelos à qual, no contexto da pandemia, se juntou a de São Caetano, de Braga, e estando a direcção do Colégio confiada a um não-membro da Congregação, qual o seu papel como director desta Comunidade?

**Ir. Óscar.** Bom, primeiro devo destacar que a directora do Colégio, a Prof.ª Carla Figueiredo, está perfeitamente identificada com o espírito lassalista e

por isso foi escolhida para este serviço. Se há quem encare estes cargos como uma forma de valorização profissional e salarial, com a Prof.ª Carla não é o caso. Sabemos que o assume com responsabilidade e espírito de missão. Toda a Comunidade a apoia e agradece o seu serviço. Contudo, há sempre um Irmão da Comunidade na equipa directiva e outros elementos seculares, como a Prof.ª Paula, que também faz parte da Comunidade, uma lassalista assumida como o atesta o estatuto de associada à Congregação La Salle. Com a baixa temporária da directora e a aposentação de um Irmão que comigo integrava a direcção, fiquei eu a substituí-la de novo, chamando a Prof.ª Paula para completar a equipa directiva. Deste modo se assegura a continuidade do espírito lassalista na missão do Colégio. A entrega da direcção dos estabelecimentos educativos a leigos é hoje corrente no mundo lassalista devido à diminuição de Irmãos, fenómeno comum a outras instituições religiosas. Mas a todos os que assumem estas responsabilidades, a Instituição faculta-lhes uma formação de nível internacional, nas diversas áreas de actuação directiva, e um acompanhamento contínuo na missão.

Sobre o papel como director da Comunidade, o Irmão Óscar informa-nos da fusão da comunidade de Braga com a de Barcelos, durante a crise da pan-



Foto: A comunidade dos Irmãos de La Salle. Da esq para a direita: Ir. Joaquim, Ir. David, Ir. Luís Miguel, Ir. Óscar, Ir. Figueiredo, Ir. Luís, Ir. Joel

demia, como melhor forma de preservar a saúde daqueles Irmãos, pois, por razões de idade, se inserem em grupo de risco. Compete ao director, agora numa comunidade mais alargada, a organização e acompanhamento da Comunidade religiosa no que é específico da sua dimensão espiritual e pastoral e nos apoios a prestar às actividades do Colégio.

### **Perda do contrato de associação compromete a continuidade do Colégio. Solidariedade lassalista vence a crise:**

**Boletim.** Após a perda do contrato de associação e da correspondente subvenção do Estado, o Colégio enfrenta uma grave crise de sustentabilidade. Que medidas têm sido tomadas para resolver a situação e que melhorias se têm verificado de modo a garantir o futuro?

**Ir. Óscar.** Este é para nós um ponto fundamental. Quando se deu o corte nos contratos de associação, tínhamos 92 alunos no 5.º ano, passando no ano seguinte para 17. Foi um corte brutal que levaria ao fecho do Colégio. Para o evitar impunha-se a reformulação de toda a dinâmica organizativa e pedagógica, consentânea com serviços de excelência que um colégio privado deve oferecer à população barcelense. Num primeiro momento houve uma cuidada análise para equacionar soluções possíveis e a continuidade do carisma lassalista. Desde logo se achou que a obra tem todo o sentido em Portugal e por isso se devia apostar na sua continuidade. Foi esse o sentir dos responsáveis pela província religiosa ARLEP, a que as casas de Espanha e Portugal pertencem, que se prestaram a dar-nos todo o apoio durante um prazo de cinco anos, considerado suficiente para introduzir as mudanças necessárias à transformação do Colégio numa instituição de referência pela qualidade do trabalho e da educação, susceptível de atrair alunos e o interesse da comunidade e assim lhe garantir futuro. Este apoio da Congregação, muito importante para o pagamento dos salários, o principal encargo administrativo, provém, é justo realçá-lo, do esforço solidário dos colégios de Espanha, alguns dos quais terão de renunciar a algumas obras para poderem ajudar. Com o sucesso dos três primeiros anos, prevíamos estabilizar no 4.º e 5.º anos. É o que tem estado a acontecer. Este ano já não tivemos necessidade de pedir toda a ajuda a Espanha. Estamos a crescer. No próximo ano abriremos três turmas no 5.º. A procura está a ultrapassar as nossas expectativas, tanto no Básico como no Secundário. Isto dever-se-á, certamente, à aposta feita numa educação de qualidade, com resultados reconhecidos pelas famílias, também expressa, aliás, nos rankings das escolas em que, no contexto

nacional e concelhio, ocupamos boas posições.

### **Aposta na singularidade da oferta educativa:**

**Boletim.** Face à actual política educativa portuguesa de acesso universal e gratuito à escola pública, que mais-valias educativas deverá oferecer o Colégio La Salle para se afirmar com sucesso num contexto sociogeográfico como Barcelos?

**Irmão Óscar.** Antes de mais, temos de “fazer o trabalho de casa”. É preciso mudar o “chip” dos professores. Entrar na dinâmica de uma escola privada é entrar num mundo de exigência anual. Não podemos ficar à espera que os alunos venham. Queremos ser procurados pelo que oferecemos de diferente. E diferentes em quê? Primeiro, assumindo inteiramente a condição de escola católica, com o anúncio de Jesus e da sua mensagem. Procuram os pais sobretudo boas notas para os filhos? Não descartamos essa preocupação, mas para isso há outras escolas. Pretendem uma formação de cidadãos de corpo inteiro, identificados com a justiça, a construção dum mundo mais justo, harmonioso e equilibrado? Estão no sítio certo, são essas as nossas prioridades educativas. Depois, não nos assumimos como escola elitista. Não seleccionamos alunos por exame de admissão - prática comum em algumas escolas privadas - nem pelo estatuto económico ou social. Não descartamos ninguém por falta de meios e recebemos igualmente alunos de ensino especial, mesmo sem subsídio do Estado, de que deveriam beneficiar. Oferecemos dinâmicas e estratégias de ensino-aprendizagem motivadoras do gosto de aprender e do desenvolvimento das capacidades cognitivas do aluno e do seu sucesso educativo; facultamos a participação em múltiplos projectos e actividades a nível da escola e da comunidade visando o crescimento integral do aluno como pessoa integrada na sociedade.

Seguiu-se a exemplificação de medidas concretas da singularidade educativa do Colégio, vinculada ao compromisso de resposta à solidariedade recebida para vencer a crise, tais como: a criação, com a colaboração dos pais, do Fundo de Apoio Social ao Aluno (FASA) direccionado ao apoio de alunos carenciados; abertura da escola até às 19h30 garantindo, gratuitamente, estudo acompanhado e realização de trabalhos de casa; actividades de dança, música, desporto, robótica, biblioteca, etc., gratuitas umas, outras sujeitas a mensalidade; ensino curricular do inglês inserido no projecto Cambridge; projecto de interioridade “Hara” (desenvolvimento pessoal) abarcando todos os alunos; forte aposta na estabilidade profissional e salário adequado dos docentes, complementada pelo apoio à formação, a todos dis-

pensada a expensas da instituição.

**Boletim.** Como conciliar o carisma da Congregação, “ensinar gratuitamente aos pobres”, como foi inspiração de João Baptista de la Salle, num país em que a todos e de forma gratuita é garantido o acesso à escola pública?

**Irmão Óscar.** É também uma boa pergunta. Procuramos dar resposta a todas as carências, cada vez mais frequentes na juventude. Se umas famílias estão melhor, outras pioraram e muito. Procuramos responder, na medida das possibilidades, sempre que detectamos problemas. Por exemplo, na crise do Covid, propiciámos materiais a alunos que não os tinham para as aulas on line. Mas do Estado nada recebemos, nem sequer fomos contemplados com a distribuição de máscaras que foram distribuídas pelas escolas públicas- uma mesquinhez... em milhões de máscaras não houve nem uma para os colégios privados! O Estado não está a permitir a liberdade de escolha. No sistema actual, os pais dos alunos do ensino particular pagam o ensino dos seus filhos e os dos outros. Já referi que ninguém é excluído desta escola por carências económicas, tentamos sempre encontrar uma solução que permita receber aqueles alunos que nos procuram, o que não significa que tudo deve ser gratuito, pois o que é de graça não é valorizado. Exige-se sempre uma participação. O Colégio esteve sempre e continuará, aberto aos mais desfavorecidos. Estão ainda nesse caminho os protocolos com o Colégio de São Caetano de Braga e com o Lar Menino Deus de Barcelos, para acolhimento de alunos aí institucionalizados.

**Boletim.** A dimensão social e solidária aliada ao

desenvolvimento cultural é outro traço distintivo do que podíamos chamar “marca La Salle”. Quer especificar como essa preocupação se corporiza no quotidiano da Comunidade em Barcelos?

**Irmão Óscar.** Olhar para o mundo, ver as carências que nele existem e ser capaz de intervir, faz parte das nossas preocupações educativas. Nesse sentido, Comunidade e Colégio colaboram estreitamente com a SOPRO (ONGD de apoio a pessoas carenciadas, com origem em antigos alunos do Colégio) em múltiplos projectos e iniciativas de carácter solidário. Com o mesmo fito temos o projecto educativo que inclui um projecto de educação para a justiça envolvendo os alunos de todos os graus de ensino, dimensão para que também concorre o ensino da Religião e Moral, obrigatório no Colégio, seguindo criterioso e ajustado programa curricular. Professores e alunos dão ainda a sua colaboração em outros projectos sociais e de serviço à comunidade em articulação com a Câmara Municipal e entidades institucionais.

**Boletim.** Não só na docência se concentra a acção dos Irmãos, também no envolvimento da pastoral comunitária. De que formas assumem esse envolvimento?

**Irmão Óscar.** De diversas maneiras. O primeiro é afirmar que a nossa comunidade define-se como “Comunidade Pastoral”. O acompanhamento no processo de crescimento cristão dos jovens, é a pedra angular da nossa missão em Barcelos. Não basta a excelência educativa. Também participamos dinamizando a catequese, no apoio às celebrações litúrgicas e movimentos de pastoral dos jovens nas



Foto: A Prof. Paula Lopes, no dia do seu voto de Associação à Instituição La Salle, com a sua comunidade e familiares.

paróquias vizinhas de Barcelinhos e Santa Eugénia.

### O choque da linguagem do “mais ou menos”:

**Boletim.** As casas de La Salle em Portugal são constituídas na sua maioria por Irmãos provenientes de Espanha. Apesar de países vizinhos e com um contexto cultural com muitas afinidades, refira algumas diferenças encontradas em relação ao vosso país.

**Irmão Óscar.** Bom, Espanha é um verdadeiro mosaico de povos, culturas e maneiras de ser, o que, por um lado pode constituir uma grande riqueza, é também uma fonte de conflitos. Mas, já que me põe a questão, refiro rapidamente alguns aspectos. Impressiona-me muito positivamente: o sentido de acolhimento dos portugueses, pelo menos aqui no Norte, nunca me senti estranho; o acentuado sentimento da família e dos laços familiares, o que não vi noutros sítios por onde andei; a forma como a escola cristã se assume como tal, usando, sem falsos pudores a simbologia religiosa com que se identifica, coisa que em Espanha não está a acontecer. Como aspectos curiosos, para quem chega, choca aquela linguagem do “mais ou menos” na boca dos portugueses, quando interpelados sobre como vai a vida, a família... Em Espanha isso de “mais ou menos” não existe. Ou vai bem ou vai mal. Não faz parte do vocabulário. Também parece que os portugueses não lidam muito bem com horas certas e a pontualidade. Preferem indicar “à tardinha” para reuniões, por exemplo, em vez horas certas. E outra que nos soa verdadeiramente estranha é aquela do «senhor director, posso dar-lhe uma palavrinha»? Ficamos mesmo sem saber o que é que a pessoa quer dar... As línguas são uma fonte de equívocos, mormente quando aparentadas. Por isso, o primeiro que fazemos quando há Irmãos que vêm pela primeira vez para Portugal é enviá-los à universidade a estudar português.

### O futuro da congregação e o papel dos leigos:

**Boletim.** Como perspectiva o futuro da Congregação, em Portugal?

**Irmão Óscar.** Nunca iremos voltar à situação anterior. Muitas famílias viam nos seminários e casas religiosas oportunidades que de outra maneira não estariam ao seu alcance. Muitos seguiram o chamamento, outros ficaram pelo caminho. As coisas mudaram e o foco transferiu-se para outros países, como o Brasil e Madagáscar onde se registam grandes fluxos de vocações. Mas a nossa realidade não voltará a ser a mesma. Os anos gloriosos dos 10 mil Irmãos não voltam. Momentos houve na França republicana em que quase todo o ensino estava entregue aos Irmãos de La Salle. Hoje a estratégia vo-

cacional é outra. Exige, sobretudo, que os Irmãos se identifiquem coerentemente com a forma de vida que abraçaram. Também o carisma Lassalista está a ser revitalizado em muitos leigos que entregam a sua vida pela formação humana e cristã dos jovens. A hora dos leigos é agora: a mesma dinâmica desencadeada no contexto eclesial. E a prova de que a missão La Salle interpela e inspira é haver cada vez mais alunas a manifestar vontade de optar pelo modo de vida dos Irmãos, caso em que são aconselhadas a se informarem sobre as Irmãs Guadalupanas de La Salle, a versão feminina da Congregação, fundada em 1948 pelo Irmão Juan Fromental Cayroche, sob a protecção da Virgem de Guadalupe e S. João Baptista de La Salle.

## Fundador: José Paulo Mendes Baptista, AA La Salle de Abrantes.

por Albino Ramalho



Acedendo ao amável convite do seu fundador, o antigo aluno do Colégio de Abrantes, 1969-1972, José Paulo Mendes Baptista, uma representação da Associação de Antigos Alunos de La Salle composta pelo presidente da direcção, José Carlos Ferreira, pelo o presidente e secretário da Assembleia Geral, respectivamente, Carlos Borrego e Albino Ramalho, e pelo Irmão Joaquim Ferreira, da Comunidade dos Irmãos La Salle de Barcelos, deslocaram-se no dia 11 de Julho a Mira de Aire para uma visita ao MIAT- Museu Industrial e Artesanal do Têxtil.

Trata-se de uma importante unidade museológica fruto da iniciativa e determinação de José Paulo Baptista em homenagear a família, ele próprio filho e neto de empreendedores que criaram e desenvolveram a actividade naquelas localidades, e todas as pessoas que trabalharam numa indústria de que o



pólo Mira de Aire e Minde foram dos mais importantes do país até ao declinar do século XX.

A sua inauguração, embora com os confinamentos impostos pela pandemia Covid 19, teve lugar no dia 18 de Maio, precisamente o Dia Internacional dos Museus.

Instalado na Antiga fábrica D. Fuas, depois transformada na famosa fábrica de tapetes Vitória, a mais importante do ramo, nos amplos espaços desta grande unidade industrial, o museu mostra de forma detalhada e amplamente documentada, todo o processo artesanal e industrial da produção da lã, desde a tosquia e tecelagem, passando pela lavagem, tinturaria, cardação e fição. O resultado final traduzia-se numa vasta gama de tapetes, mantas, fazendas, malhas facilmente escoados para os mercados nacional e internacional.

Em todo o percurso da visita, pedagogicamente delineado e apresentado ao longo dos amplos espaços de exposição, é oferecido ao visitante o contacto com uma numerosa e pormenorizada gama de materiais, objectos, ferramentas, utensílios, dos mais simples e artesanais à maquinaria mais impressionante pelo tamanho e complexidade, evidenciando assim a própria evolução do processo de produção. Muito do material e tecnologia ali existentes provêm do que foi utilizado nos tempos de laboração da fábrica, a que se foram e continuam juntando ofertas de particulares e as que o fundador, nas suas múltiplas viagens pelo mundo, com o conhecimento e gosto que tem do sector, vai recolhendo.

Tudo para preservar a memória da indústria da lã de que Mira de Aire e Minde constituíram dos pólos mais florescentes do país no século XX e hoje praticamente desaparecida. Restam algumas unidades, mas, a abertura aos mercados asiáticos, garantindo uma produção mais barata, ditou a sua ruína, como,

entristecido, nos confessa José Paulo Baptista. Esse cenário conduziu ao fecho da fábrica, a sua entrega à banca e ao conseqüente abandono e degradação das instalações.

Para a concretização do projecto do museu, José Paulo teve, a expensas suas, de recuperar toda a estrutura arquitectónica, profundamente degradada, remodelar e preparar as salas, limpar e aprontar objectos, instrumentos, máquinas e restantes obras de modo a que puderem ser expostas e visitadas. Tudo isto, fruto do sonho e do empenho em homenagear os familiares e pessoas que deram o melhor da suas vidas, trabalhos e preocupações, para deixar nesta terra uma memória perdurável de um património que a caracterizou e levou longe o seu nome.

As visitas do público, a interacção com as escolas e agentes culturais da região, a abertura a eventos culturais e sociais, auguram-se como estratégias de valorização e sustentabilidade desta importante unidade museológica. José Paulo tem bons motivos de satisfação pela concretização deste projecto e o Boletim da Associação com ele se congratula e lhe deseja as maiores felicidades.



# O COVID 19

## As grandes crises são oportunidade para novos paradigmas

Por José Manuel Falcão Tavares - Médico

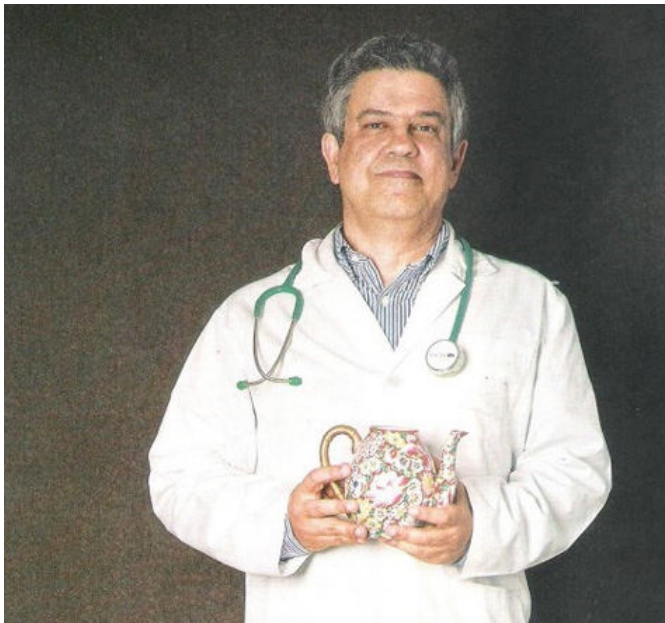


Foto: José Tavares com o icónico bule , cofre de histórias, apontamentos e "pedacinhos de humanidade"

### Breve apresentação:

O Dr. José Manuel Falcão da Silva Tavares é natural de Abrantes. Frequentou o Colégio La Salle dessa cidade entre 1960 e 1970, juntamente com os seus irmãos João Manuel e Pedro Luís. Licenciou-se em Medicina pela Universidade de Lisboa em 1979, iniciando a carreira de Medicina Geral e Familiar até à sua aposentação em Julho de 2019. Fundou o único jornal dessa especialidade: "O Médico de Família". Recebeu o "Prémio Bial de Medicina Clínica em 1990 com a obra "O Diário do Orientador". Foi cofundador da Associação Portuguesa de Clínicos Gerais em Maio de 1983, do Grupo de Estudo da Família e da Associação Portuguesa dos Grupos Balint. Como poeta publicou "O Tu das Manhãs", e "Cartas ao Coração de Lisboa". Como médico foi autor dos livros "História dos Primeiros Dez Anos da APMCG", "O Diário do Orientador", "A Consulta Consultada", "O Mundo da Família" e em 2015 da obra pioneira "Medicina Narrativa- Alice no País dos Provérbios", editada pela Euromédice , apresentada em público por cinco vezes. É ainda romancista, argumentista de cinema, autor de obras não editadas de poesia, de não ficção e de ficção. Luta por um mundo melhor pela erradicação da pobreza, do racismo, da desigualdade social , da corrupção, da perseguição

religiosa, da discriminação por géneros e dos crimes ambientais que põem em causa o planeta .

### A PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL

Sócrates, filósofo grego, e Thomas Paine, político do século XVIII, afirmaram : "A minha pátria é o mundo". Nunca foi tão verdade como acontece nos nossos dias. Estamos a usar a primeira pessoa do plural. Esta foi a primeira consequência da pandemia causada pelo COVID-19, porque "pan" quer dizer todos os continentes, todos os países, todas as cidades. Há muitas maneiras de a conjugar. Para alguns governantes , quer dizer "eu", para outros "tu", para terceiros "eles". A segunda consequência é a demonstrada fragilidade do binómio saúde-economia. Se avançamos com medidas de proteção, de distanciamento e de confinamento, para a cadeia de circulação de pessoas, de bens e de veículos. Se não o fazemos, o número de infetados sobe , as camas hospitalares tornam-se exíguas e o número de mortos sobe em flecha. A terceira consequência é o acelerado investimento a nível global para obter e testar uma vacina eficaz capaz de salvar milhões de vidas. A cooperação tem sido exemplar para alcançar resultados o mais depressa possível. A pandemia causada pelo COVID-19 acontece num momento grave da vida do planeta. A sobrevivência de raças, de espécies, de eco sistemas, de rios, de oceanos está em risco devido ao aquecimento global da atmosfera. Como reagiu o ambiente a esta paragem da produção ?

A pandemia causada pelo COVID-19 é uma ameaça e uma oportunidade para mudar o estilo de vida, e as cadeias produtivas. Iremos a tempo de salvar o Planeta ? Temos três certezas desde já.

Os países que criaram serviços de saúde de base pública e de acesso facilmente resistiram melhor do que os outros. Os governantes que preferiram a economia à saúde estão a ser acusados por negligência e por genocídio. A expansão de falsas notícias nas redes sociais começou a ser combatida Pelos gigantes tecnológicos. Surgiu um novo tipo de cidadão, o cidadão-repórter.

Estamos na primeira pessoa do plural, mais exigentes e mais criteriosos. Para sermos mais solidários,



faltarão algumas etapas: distribuir equipamentos individuais gratuitos para a proteção, garantir transportes públicos alargados, produzir e distribuir vacinas de forma generalizada. O Rendimento Básico Universal pode ser uma solução para cidadãos e famílias com poucos recursos, mas não será suficiente. É preciso formar os cidadãos, e compromete-los nos processos de micro gestão da água, de proteção da floresta, da proteção ambiental. É preciso ver a floresta além da árvore, e reforçar a coesão social.

## UMA HOMENAGEM AOS MÉDICOS

Pela Associação Antigos Alunos LA SALLE

**O novo corona vírus – o Covid 19- veio ameaçar e alterar profundamente a nossa vida. Revendo-se nos antigos alunos lassalistas médicos, a AA-ALaSALLE endereça-lhes a eles e a todos os seus colegas uma sentida homenagem de gratidão. Foi neste sentido que o Boletim convidou os médicos constantes das listas de AA a relatarem o seu envolvimento no combate pela vida. Porventura o convite não chegou a todos. Os nossos agradecimentos àqueles que puderam corresponder.**

**Bento Albuquerque Charrua** - A minha experiência com o Vírus Covid 19 relaciona-se, sobretudo, com a minha actividade clínica privada, uma vez que já estou reformado. Dada a minha especialidade, Gastroenterologia, as minhas actividades são, principalmente, as consultas e os exames endoscópicos. Após uma paragem de significativa, imposta pelas medidas de confinamento que todos conhecem, foram, gradualmente, reactivadas as consultas e as endoscopias. Na fase actual já se realizam consultas em gabinetes preparados para o efeito, com medidas de protecção individual e higienização de todo o material passível de contaminação, bem como de espaçamento entre cada consulta. No que respeita aos exames as coisas ainda estão um pouco complicadas, uma vez que estes têm de ser realizados em salas especiais e com rigorosa protecção individual de todos os profissionais de saúde que participam nos actos médicos. Tem sido este o nosso dia-a-dia esperando que as coisas melhorem e possam ir, a pouco e pouco, voltando ao normal.  
Envio um grande abraço para todos.

Lisboa 24/6/20

**Augusto Manuel Ferreira Chaleira** - Delegado Saú-

Este é o panorama que uma pandemia permitiu perceber melhor. Nas ideias que bebemos no Colégio La Salle estão as soluções para esta e para outras crises. Respeitar os outros, defender os mais fracos, escutar os mais velhos, e ver através da pedra filosofal "a poesia, a bondade e as danças, mas o melhor do mundo são as crianças".

de Madalena Pico. Ainda em atividade e em defesa da Saúde Pública. O Autor nasceu em 25-10-1952 em São Vicente – ABRANTES. Frequentou o Colégio La Salle entre 1963-1970 - Trabalhou em Medicina Geral e Familiar, Unidade Saúde Ilha Pico – Açores.



Foto: Augusto Chaleira com a sua equipa.

**João Farinha** - Deixei de exercer há dois anos e meio. Às vezes penso que perdi a oportunidade de viver a razão pela qual ansiei a vida toda. Exerci a minha profissão de médico sempre no SNS. Isso permitiu-me lidar com todo o tipo de gente. O contacto com as pessoas sempre me fascinou. Falar com elas, ouvi-las (principalmente isso, ouvi-las) preencheu-me os dias e, muitas vezes, privou-me do sono reparador das noites. Mas, tudo bem, sentia-me útil e não poucos doentes me diziam "...só de falar consigo até já me sinto melhor...". O dia estava então ganho. A pandemia apanhou-me na aposentação. Confinado assisto a esta tragédia com a sensação de que a vida me pregou uma partida. Parece que estava à espera que eu me retirasse para atacar. Então agora, quando eu podia ser útil, e que podia ajudar tanta gente, estou aqui confinado. Depois

pensei melhor. Tudo tem uma razão de ser. Se calhar, estando confinado, estou a fazer mais do que muitos que, sem fazerem nada, andam por aí a espalhar o vírus. Às vezes mais vale estar quieto.”

**Carlos Salazar** - Sou médico dos Cuidados de Saúde Primários e não foi surpresa a chegada do Covid 19 (SARS-CoV2) a Portugal. Era esperado e já poderia ter ocorrido, eventualmente com esta extensão, com outros 2 coronavírus: o SARS-CoV em 2002 ou o MERS-CoV em 2012. Ainda bem que tal não ocorreu.



O norte foi inicialmente atingido e os receios de propagação da pandemia condicionou toda a actividade médica. Numa altura em que escasseavam os equipamentos de protecção individual, foram suspensas todas as actividades programadas e a atenção foi direccionada exclusivamente para a nova doença.

Medo? Claro que sim e ainda bem. Essa sensação potencia a nossa atenção para não sermos apanhados desprevenidos, sobretudo no serviço de urgência hospitalar, aonde também trabalho, numa fase muito inicial em que não havia áreas dedicadas ao Covid.

Na nossa unidade de saúde, aonde o trabalho em equipa já vinha muito de trás, não foi difícil organizar-nos para uma resposta mais eficaz. Encaramos a situação com espírito de missão, a exemplo de S. João Batista de La Salle, procurando dar resposta a todas as situações, mesmo àquelas em que dúvidas se levantavam quanto à possibilidade de contágio, sobretudo nos domicílios, sem condições adequadas de protecção individual e precárias condições de habitação. Mesmo com todas as precauções, 25% dos médicos da nossa unidade tiveram teste positivo, felizmente sem consequências. Ossos do ofício... Temos receio do próximo Outono/Inverno, aonde a tradicional gripe não deixará de somar as infeções por Covid. Cá estaremos para ajudar, fazendo o nosso melhor.

**Jose A. R. Dourado** - A pandemia do covid 19 ainda não acabou e provavelmente vai prolongar-se no tempo ou até fazer parte das novas infeções por vírus periódicos ou sazonais que nos vão visitar tal como os vírus da gripe. No início quando vi a evolução em Itália, em Espanha e a vi chegar a Portu-



gal temi que poderia ser uma catástrofe de proporções bíblicas tal como a peste negra, a gripe espanhola ou outras que mataram milhões de pessoas. Com as notícias dos números de Itália, Espanha, França, Inglaterra e outros países da Europa seria de temer que Portugal fosse igual ou pior. No entanto, com o decorrer da

pandemia, verificamos que no nosso País a evolução não foi, para já, tão dramática como noutros países considerados mais evoluídos e principalmente com sistemas de saúde de primeira água e muito mais dispendiosos do que o nosso. Abanaram para não dizer sucumbiram mais facilmente que o nosso. Lembro-me do desespero dos políticos para comprar ventiladores à China que nunca mais chegaram, prevendo um descalabro geral e não era para menos porque eu sou testemunha, há bem pouco tempo quando era chefe da urgência do meu hospital, frequentemente tinha que correr vários serviços intensivos em diversos hospitais para conseguir uma vaga para um doente que dela precisasse. Portanto, quem conhecia o SNS por dentro tinha que temer. Então porque não aconteceu o desastre maior que se temia? Penso que por duas razões principais:

A primeira foi porque o SNS existe e é formado por pessoas formadas com um espírito de sacrifício e uma abnegação incedível, além da preparação científica elevadíssima, habituados a fazerem omeletes sem ovos. Muitas pessoas ficaram surpreendidas ao ver tantas pessoas separarem-se da própria família durante longos períodos para se dedicarem, com risco da própria vida, ao tratamento dos doentes nos hospitais, nos lares de terceira idade ou instituições de solidariedade. Estas atitudes fizeram-me lembrar da minha juventude numa altura que tive a sorte de contar com pessoas desta índole, no colégio La Salle, que dedicam a sua vida em prole da sociedade sem pedirem nada em troca. Não tenho dúvida que muitos dos que por esse mundo fora estão nesta luta, frequentaram escolas Lassalistas onde se promove a moral e o amor pelo próximo, indispensável para uma sociedade justa, equitativa e inclusiva.

A segunda razão, não menos importante, porque temos uma população formatada com grandes sacrifícios ao longo de oito séculos de história, com grandes lutas, vitórias e derrotas proporcionando-lhe o saber necessário para logo que foi preciso confinar e colaborar conseguindo mitigar os problemas. Resumindo, somos uma população que sempre soube

resolver os problemas sendo a garantia que vamos vencer, mas na luta não se pode esmorecer.  
Saudações Lassalistas

Barcelos 08/06/2020

**Emanuel Costa** - Vivemos tempos que não esperávamos, mas não são inéditos! Antes de nós, outros viveram situações semelhantes e, embora atualmente tenhamos ao dispor um nível de conhecimento científico mais avançado e uma tecnologia mais sofisticada, o determinante principal do sucesso do combate à COVID 19 continuamos a ser nós



mesmos.

No início, lá pelo final de 2019, e primeiros meses do ano corrente, esta era uma doença “da China”, certo era que não a conhecíamos minimamente e que por isso fomos apanhados em contrapé. Sendo uma doença vírica com transmissão pessoa a pessoa, rapidamente se tornou uma pandemia e o nosso país não ficou de fora.

Todos fomos postos à prova nos últimos meses! São vários os desafios impostos: o receio de ser infectado; a limitação da liberdade imposta pelo confinamento e com ela a ansiedade e inquietude; a necessidade de adaptação a uma nova realidade; os projetos pessoais suspensos ou até cancelados; as perdas económicas; os entes queridos falecidos – vivemos um período de tensão. Tal como muitos colegas, fiz parte da equipa de contingência contra a COVID 19 no hospital onde trabalho e pude viver de perto todas essas realidades podendo assegurar que não é apenas a doença em si o problema, mas também toda a mudança que ela implica e todas as consequências pessoais e globais que acarreta.

Enquanto médico a visão que partilho sobre o passado recente e o próprio presente é crua, isto é, vi com naturalidade todos os acontecimentos que ocorreram na medida em que retratam a evolução da ciência, passo a passo, mas a um ritmo muito mais acelerado já que o mundo inteiro está a trabalhar com o mesmo fim – conhecer, reconhecer, prevenir e tratar. Um conhecimento científico é, na maioria das vezes, um reconhecimento de padrões ou uma definição de normal/habitual em determinada matéria sendo que são necessários vários estudos, com milhares de pessoas para que se possa considerar um conhecimento como sólido e não

apenas um achado casual, sob pena de agir incorretamente. Isto para dizer que apenas à medida que o tempo avança é possível entender a doença e agir em conformidade.

Se por um lado a ciência percorreu um caminho que está habituada, mas a um ritmo muito mais rápido, por outro lado o ser humano viu-se numa situação nova e precisou de se adaptar o mais rapidamente possível, gerindo, simultaneamente, as emoções naturais que advêm do perigo e do desconhecido. Neste ponto considero que a reflexão tem de ser holística – somos seres humanos e por isso temos emoções que experienciamos de formas diferentes; vivemos em sociedade e estamos perante uma doença que se propaga pela nossa convivência; a nossa vivência como a conhecemos depende de uma economia, que por sua vez depende das nossas interações. Exposto o problema como um todo, a questão que se coloca é: teremos feito o que era necessário para combater a doença e manter o nosso modo de vida como o conhecíamos? Como será a nossa vida doravante?

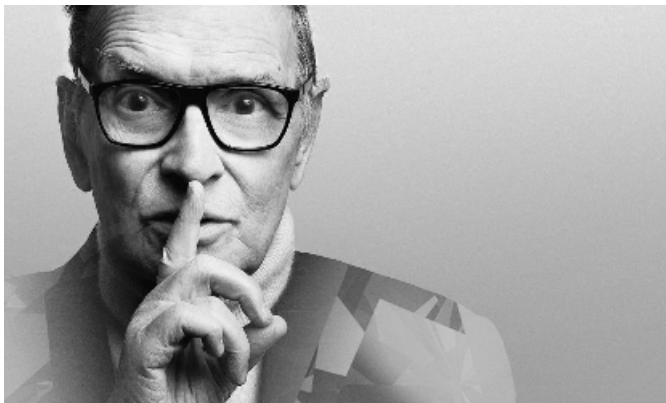
Como membro da comunidade La Sallista, acredito que os valores incutidos pela mensagem do nosso fundador me prepararam, de certa forma, para tempos como estes na missão que desempenhei. Acredito que nos prepararam a todos para juntos atravessarmos este período. Porque, como sempre, não caminhamos sozinhos. Somos La Salle.

Interno de Formação Especifica em Reumatologia  
Hospital de Braga EPE

## Aluno de La Salle Roma

Todos sabemos que pelas Escolas Cristãs dos Irmãos de La Salle passaram muitos personagens famosos. Esta realidade indesmentível faz-me recuar a tempos bem idos, frequentava eu o Colégio de Barcelos. História que terei todo o gosto em partilhar, ocorrida nos saudosos e inolvidáveis tempos de rebeldia (a revolução dos cravos estava fresca) e eu acabara de ser admoestado energicamente pelo saudoso Ir. Luciano, por ter sido “apanhado” a ler romances, em tempo dedicado a estudo.

Por esses dias, deu-se a feliz coincidência de ocorrer o centenário do Fundador. Por via disso foi organizada uma grandiosa exposição da obra de La Salle com concurso de perguntas e respostas que teve várias eliminatórias e a todos abrangeu, as quais fui



superando com denodo e acabei por vencer esse concurso.

Não me lembro do prémio oficial, que certamente haveria, mas não esqueço o prémio surpresa com que o Ir Luciano me brindou, dispensando-me do cumprimento do resto da pena até final do ano letivo (amnistia, diríamos hoje). Recordo-me que uma das muitas temáticas dessas exposições, era precisamente uma extensa lista de ex-alunos ilustres. Lembro-me de ter ficado espantado por entre eles ter visto que constavam Pelé, Fidel Castro, Eddy Merckx que me eram muito caros à data. Ora, descobri recentemente que entre as figuras mui ilustres que frequentaram em algum momento da sua vida as Escolas do Senhor de La Salle, consta também o extraordinário Compositor e maestro italiano Ennio Morricone. Ennio Morricone foi aluno de La Salle, e companheiro de carteira do grande realizador, Sergio Leone, com quem colaborou em vários filmes. Frequentavam a escola lassaliana "Istituto Mastai" de Roma. Aparecem ambos numa foto de 1937, no terceiro ano da Primária: na fila superior, Sergio Leone é o segundo e Ennio Morricone, o quarto a contar da esquerda.



Sou um admirador entusiasta das obras de Morricone, as quais me acompanham em múltiplas ocasiões designadamente em muitas das minhas caminhadas matinais, e tive o privilégio de o ouvir e ver ao vivo a dirigir com mestria e energia impressionantes nos seus 90 anos no Altice Arena em Maio de 2019, na digressão mundial que marcou a sua despedida

dos palcos.

Relembro a emoção que senti em variadíssimos momentos desse inolvidável concerto e particularmente quando a plateia vibrante insistia em mais um "encore", de pensar para comigo e verbalizar para o lado "deixem o homem descansar, já merece descanso".

Voltei a lembrar-me deste meu pensamento quando ouvi a notícia da sua morte ocorrida em 6 de Julho deste ano. Partilho com o leitor desta crónica uma pequena síntese da obra deste génio da música.

Ennio Morricone foi autor de mais de 500 músicas para cinema e 100 peças clássicas, entre as quais melodias como a que criou para o filme "O Bom, o Mau e o Vilão" (1966), de Sergio Leone, protagonizado por Clint Eastwood. Até hoje, vendeu mais de 70 milhões de discos. A sua estreia no cinema foi em 1961, e ao longo da sua vida, trabalhou em filmes dos mais variados géneros, como "Os Intocáveis", "O Bom, o Mau e o Vilão", "A Missão", "Cinema Paraíso" ou "Aconteceu no Oeste", "Era uma vez na América" e algumas das suas composições são até mais famosas do que os próprios filmes. Esta dupla estará para sempre associada ao género western spaghetti, não apenas pela música mas também pela sonoplastia que supervisionava. Todos os elementos juntos criaram um ambiente sonoro de rara sintonia com a imagem, tornando a ação e o cenário maiores, mais densos e mais próximos do espectador (com o privilégio de ter cenas mais longas e demoradas apenas para poder estender as suas composições durante mais tempo e à sua maneira). Trabalhou com diferentes realizadores, com os maiores da arte: Hitchcock, Nino Rota e Fellini, Bertolucci, Brian De Palma, Rolland Joffé ou Pasolini, Terrence Malick, Barry Levinson, Mike Nichols ou Quentin Tarantino. Foi, aliás, um filme deste último, "The Hateful Eight" que em português recebeu o nome "Oito Odiados", que lhe garantiria um Óscar da Academia, em 2016, para Melhor Banda Sonora Original. Morricone recebeu ao longo da sua carreira, seis nomeações aos Óscares pela melhor composição cinematográfica original mas, para perplexidade quase unânime, apenas em 2016 lhe viu ser atribuída o primeiro Óscar competitivo, por The Hateful Eight, filme de Quentin Tarantino. Talvez por isso mesmo a Academia entendeu atribuir a Morricone o "Óscar Honorário" em fevereiro de 2007, das mãos de Clint Eastwood, "por suas magníficas e multifacetadas contribuições para a arte da música cinematográfica".

António Oliveira